

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fria

SUPERINTENDENTES Carlos Foz de Leon e Jullio Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartzman,

Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,

Patrícia Branco, Patrícia Campos Mello, Pêvito Arida, Ronaldo Lemos,

Thiago Amparo, Luiz Fria e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA EXECUTIVA Alexandre Bonacio (finanças, planejamento

e novos negócios), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais),

João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@guafolha.com.br

Ataque à liberdade

Moraes e Lula ameaçam o direito à expressão com discursos perigosos sobre o 8 de janeiro

Era previsível alguma politização da cerimônia que marcou a passagem de um ano do ataque às sedes dos três poderes, em Brasília. O ato de estupez, golpista de uma turba de bolsonaristas desvariados, afinal, ainda rende apêndices ao gosto de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na sociedade e nas instituições.

Entrasse em terreno perigoso, entretanto, quando um evento destinado a celebrar o vigor da democracia é aproveitado para a tentativa de impulsionar uma controvérsia para legislações — pior, com manifestação de um ministro do Supremo Tribunal Federal. Sem o cometimento que se espera de um magistrado, Alexandre de Moraes, também presidente do Tribunal Superior Eleitoral, usou seu discurso para defender em termos hiperbólicos o endurecimento da regulamentação da internet.

“Hoje também é o momento de abarmos para o futuro e reafirmarmos a urgente necessidade de neutralização de um dos grandes perigos modernos à democracia: a instrumentalização das redes sociais pelo novo populismo digital extremista”, declarou o ministro. Lula também tratou do tema, com retórica não menos inflamada. “As mentiras, a desinformação e os discursos de ódio foram o combustível para o 8 de janeiro. Nossa democracia estará sob constante

ameaça enquanto não formos firmes na regulação das redes sociais”.

Decerto existem aspectos da regulação a serem debatidos pelos legisladores eleitos, a começar pelo poder de mercado excessivo das grandes plataformas digitais. Porém a intenção de impor maior tutela do Estado sobre o conteúdo publicado traz riscos para a liberdade de expressão, essencial à democracia.

Há, sem dúvida, má-fé, preconceito e virulência nas redes, e não apenas por parte da direita. Há também erros não intencionais, meios verdadeiros, ataques vementes e afirmações questionáveis. Imaginar, como se chegou a fazer, que algum órgão regulador vá decidir o que pode ou não ser veiculado é flertar com o arbítrio.

Nos regimes democráticos, cabe apenas à Justiça punir os responsáveis pela divulgação de conteúdo julgado ilegal — após o devido processo, com espaço para acusação e defesa. As penas devem servir como meio de dissuasão de novas práticas criminosas.

Esse entendimento singelo contribui para frear, no ano passado, um projeto de lei apresentado como meio de combate a fake news. No texto, sintomaticamente, os políticos colocavam suas postagens a salvo das restrições propostas. Mesmo quem defende censura não quer ser censurado.

O ano mais quente

Recordes de temperatura em 2023 mostram que gestão do clima não mira mais um futuro distante

A Revolução Industrial proporcionou que a humanidade realizasse feitos notáveis, do aumento geral da oferta de bens até a ida à Lua. Esse mesmo desenvolvimento é também responsável pelo desequilíbrio do ecossistema da Terra.

Durante bilhões de anos, o planeta já passou por diversas transformações radicais, algumas levando a extinções em massa. A diferença é que, agora, são ações humanas que vêm afetando o meio ambiente em grande velocidade, e a mudança climática é o sintoma mais contundente desse processo.

O observatório Copernicus, da Agência Espacial Europeia, confirmou o que a população mundial sentiu na pele: 2023 foi o ano mais quente desde o início da série histórica de medições, em 1856.

A média global foi de 14,98°C, 0,17°C a mais do que o recorde anterior, de 2016. Foi a primeira vez em que todos os dias superaram em 1°C os níveis pré-industriais (1850-1920). Metade deles ficaram 1,5°C acima e em dois dias a diferença atingiu 2°C — o que nunca havia sido registrado. A temperatura média foi 1,48°C acima dos patamares do período de referência.

No Brasil, 2023 também foi o ano mais quente desde 1961, início da série histórica do Instituto Nacional de Meteorologia. A temperatura média foi de 24,67°C, superando a média histórica em 0,69°C.

O país viveu eventos climáticos extremos, como seca inusitada na Amazônia, tempestades e enchentes no sul, seguidas ondas de calor.

O El Niño, que aquece as águas dos oceanos, contribuiu para a alta média dos termômetros, mas as temperaturas dos oceanos já haviam atingido recordes em abril, e o fenômeno teve início em julho.

A responsável pelas anomalias de temperatura é a emissão de gases que provocam o efeito estufa, notadamente aqueles oriundos da queima de combustíveis fósseis, responsáveis por 75% das emissões. O mecanismo é velho conhecido. O documento final da COP28, a conferência do clima da ONU, foi tímido no intuito de eliminar a queima de combustíveis fósseis.

O acordo de Paris, de 2015, estabeleceu que deve-se manter a alta da temperatura global de preferência abaixo de 1,5°C. Para cumpri-lo, seria necessário cortar as emissões de carbono em 45% até 2030 e eliminá-las até 2050, mas elas só crescem.

Entende-se a relutância em alterar meios que geraram prosperidade de até aqui. Mas não se trata mais de planejar um futuro distante.



Buracos reínam soberanos

Hélio Schwartzman

As eleições municipais deste ano se darão sob o signo da polarização? É pouco provável. De um modo geral, são os problemas locais que pautam as disputas para as prefeituras e Câmaras de Vereadores. E nem mesmo indicio de sucesso futuro. Em 2020, o PSDB fez barba e calou na disputa, conquistando 827 prefeituras, que reuniam mais de 35 milhões de municípios, incluindo a de São Paulo, em que João Doria venceu o então prefeito Fernando Haddad sem necessidade de passar por um segundo turno. Dois anos depois, o ainda tucano Geraldo Alckmin obteve apenas 5% dos votos no pleito presidencial.

Não estou, com essas observações, sugerindo que a polarização não é mais um problema. Muito pelo contrário, ela continua firme entre nós, particularmente na modalidade eleitoral, e não há sinais de que esteja indo embora. O ponto é que ela tende a manifestar-se mais em jantares de família e eleições nacionais do que em pleitos municipais, onde os buracos na rua reínam soberanos.

hswartz@uol.com.br

A reaparição de Marta Suplicy

Bruno Boghossian

Lula recebeu Marta Suplicy para um almoço em agosto de 2022. Na conversa de duas horas, o então ex-presidente enterrou desentendimentos com a ex-prefeita e convecos a alçada a embarcar num missão: ajudar Fernando Haddad na eleição municipal de São Paulo em especial nos bairros da periferia.

O presidente acaba de sacar o mesmo trunfo 12 anos depois. Lula voltou a volta de Marta ao PT e sua indicação como vice de Guilherme Boulos para a disputa deste ano. A ideia é que a ex-prefeita empreste três atributos à chapa do deputado do PSOL: experiência administrativa, uma imagem razoável na elite paulista e conexão com a periferia.

Sem candidato próprio à Prefeitura de São Paulo pela primeira vez, o PT precisou buscar uma figura histórica que havia deixado o partido em 2015 e, até esta terça-feira (9), trabalhava no campo adversário. A aliança Boulos-Marta pode mudar o jogo na campanha deste ano, mas também reflete um desafio peista na maior cidade do país.

A eleição de Marta Suplicy como prefeita em 2022 foi puxada pelos bairros afastados do centro. Nas disputas seguintes, entre vitórias e derrotas, o PT repetiu o padrão de distribuição geográfica dos votos, principalmente graças à força de Lula no eleitorado de baixa renda (com a exceção da própria Marta em 2021).

A década passada, porém, foi marcada pelo que os peistas descrevem como uma inércia na formação de novos quadros e um distanciamento entre o partido e as periferias urbanas, sendo São Paulo o símbolo do fenômeno. A sigla recuperou desempenho nessas regiões da cidade em 2022, sob forte dependência de Lula.

A reaparição de Marta pode ajudar o partido a cobrir parte do problema. O detalhe da história é que o investimento de Lula na eleição de Boulos, caso seja bem-sucedida, poderá recuperar a força da esquerda num nicho estratégico do eleitorado e projetar um nome que está fora do PT, mas é tratado pelo próprio presidente como principal aposta de renovação nesse campo político.

Gervais e as crianças com câncer

Mariliz Pereira Jorge

A chamada na Folha diz: “Ricky Gervais vence Globo de Ouro por especial em que ri de crianças com câncer”. Ele levou o prêmio de Melhor Performance em Comédia Stand-up. O programa, disponível na Netflix, é fraco. São, politicamente incorreto, mas piadas consideradas inadequadas e preconceituosas podem fazer rir, gostemos ou não. No caso do premiado “Armageddon”, só causam constrangimento. Não por serem abusivas, mas porque não são em sua maioria, engraçadas.

Este deveria ser o limite do humor. Além, é o que se salva no show. As intervenções que o comediante faz ao criticar a cultura do cancelamento, o politicamente correto, o identitário. Ali vemos o velho Ricky Gervais, que nos faz rir porque nos faz pensar, por mais incômodo que possa ser. Ele debocha de tudo isso, tal vez porque esteja famoso e rico para se importar, mas pelo mesmo motivo seu novo show é preguiçoso. Ele sabe que choca, que causa revolta e parecer feito essa aposta, sem o empenho

em entregar um espetáculo inteligente e sagaz, que testa os limites da audiência sem menosprezá-la. Não somos pessoas mais puras do que certas coisas, segundo Gervais. Concordo, assim como uma piada não reflete a índole de uma pessoa, ainda mais se ela faz disso sua profissão. Eu ri do trecho sobre as crianças com câncer, não ri das crianças. Tem diferença. Fiquei constrangido, mas ri, isso faz de mim uma má pessoa? Gervais, que já doeu o US\$ a milhões só com este novo especial para causas animais, é uma má pessoa? Ele ri de crianças com câncer? Não, faz piada. Tem diferença, gostem ou não.

Mas discorde dele quando diz que não escolhemos nosso senso de humor. Trata-se de uma construção social, é reflexo de conhecimento, de vivência, de preconceitos. O bom comediante não desafia a mergulhar em suas provocações sem que nos deixemos ofender. A resposta ao humor é o riso ou a falta dele, nunca o cancelamento.

Críticas ao liberalismo

Deirdre McCloskey

Economista, é professora emérita de economia e história na Universidade de Illinois, em Chicago. Escrita as quatro

Um leitor escreveu sugerindo, muito razoavelmente, que eu respondesse às críticas ao liberalismo que são feitas com frequência. Fico contente por receber a mensagem.

Gostaria que entendessem, porém, que quando eu defendo o liberalismo, por exemplo, não contro exterior e estou na verdade respondendo indiretamente às afirmações contrárias e estatísticas de que o Estado, ou a “sociedade” (ou seja, “tudo”), não deve dar permissão em tais assuntos.

Liberdade é liberdade, e abrir exceções porque, digamos, alguém não gosta de gays, ou de negros, ou de pessoas com opiniões irritantes, só leva a tirania.

Ou seja, acredito que existem fortes evidências históricas e científicas de que o liberalismo é o melhor para os humanos, para você, para mim. É a única filosofia política que nos trata como adultos, e não como crianças, que nos trata como cidadãos, e não como escravos. Não existe um meio-termo no qual você e eu possamos nos assentar. Ou você quer ser adulto em uma sociedade de adultos ou não.

Entenda que a minha versão do liberalismo, e a do novo presidente da Argentina, não tem nada a ver com, digamos, o Partido Liberal de Bolsonaro ou com o uso bizarro da palavra nos Estados Unidos, onde durante um século significou “social-democracia, tendendo ao socialismo puro”. Naquela vocabulário, Lula é um liberal. Não.

Mas deixe-me tentar responder a uma objeção séria feita ao liberalismo.

Ela foi articulada um dia por um querido primo meu, que disse: “Item, uma economia moderna, complexa, obviamente precisa de uma regulamentação moderna e complexa”. A ideia é que no século 19 a economia era simples — por exemplo, no Brasil e no meu país, havia uma economia escravagista. Hoje é complexa.

Sim, a economia moderna é muito mais complexa do que aquela em que um senhor ordenava ao seu escravo que cortasse cana-de-açúcar. Mas isso não significa que nossos senhores no Estado saibam o que fazer em relação à complexidade. Não significa que a economia possa ser dirigida. Na verdade, é exatamente o contrário. A economia moderna é como a evolução biológica, altamente complexa e altamente imprevisível.

Melhor deixar isso quieto. Liberalismo.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves